

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA CRIADA PELA MÍDIA HEGEMÔNICA EM CONTEXTO DE DESASTRE SOBRE A CIDADE DE BRUMADINHO (2019-2022)

THE CONSTRUCTION OF THE NARRATIVE CREATED BY THE
HEGEMONIC MEDIA IN A DISASTER CONTEXT ABOUT THE CITY OF
BRUMADINHO

Danielle da Silva Santana

daniellesantana.pmjg@gmail.com

Ana Patrícia Barbosa de Sousa

apatriciasousa33@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Pereira da Silva

lucianapereira@recife.ifpe.edu.br

RESUMO

No dia 25 de janeiro de 2019, às 12h28min ocorreu o desastre-crime socio-tecnológico do rompimento da barragem da Vale S.A em Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, provocando enorme impacto socioambiental na região, além de 272 vítimas fatais. O objetivo geral deste trabalho é compreender qual a narrativa criada pela mídia hegemônica em contexto de desastre sobre a cidade de Brumadinho no período de 2019 a 2022. O trabalho partiu do seguinte problema: Após o desastre, a imagem de Brumadinho passou a trazer incômodos à população atingida, provocando uma revitimização dos danos do rompimento, na medida em que a cidade passou a ser estigmatizada como a “cidade que foi destruída pela lama”, ou a “cidade contaminada”. O *corpus* deste trabalho foi constituído por notícias publicadas na mídia no período de 25 de janeiro de 2019 a 30 de janeiro de 2022. Para a análise utilizou-se Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva de Bardin (2011). A análise do *corpus* revelou que as narrativas construídas pela mídia hegemônica em situações de desastre neste período evidenciam a imagem de morte, destruição e sofrimento sobre a cidade de Brumadinho, assim como contribuem com o processo de naturalização da tragédia enquanto fenômeno imprevisível, dificultando a compreensão do desastre-crime sociotecnológico da Vale, enquanto resultante de um processo histórico do modelo minerador capitalista.

Palavras-chave: Modelo Minerador. Desastre. Território. Mídia Hegemônica. Brumadinho.

ABSTRACT

On January 25, 2019, at 12:28 pm, the socio-technological disaster-crime of the rupture of the Vale S.A dam in Brumadinho, metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais, caused a huge socio-environmental impact in the region, in addition to 272 fatalities. The general objective of this work is to understand the narrative created by the hegemonic media in the context of a disaster on the city of Brumadinho in the period from 2019 to 2022. The work started from the following problem: After the disaster, the image of Brumadinho started to bring discomfort to the affected population, provoking a revictimization of the damage caused by the collapse, as the city started to be stigmatized as the “city that was destroyed by the mud”, or the “contaminated city”. The corpus of this work consisted of news published in the media from January 25, 2019 to January 30, 2022. For the analysis, Content Analysis (CA) was used from the perspective of Bardin (2011). The analysis of the corpus revealed that the narratives constructed by the hegemonic media in disaster situations in this period show the image of death, destruction and suffering on the city of Brumadinho, as well as contributing to the process of naturalization of the tragedy as an unpredictable phenomenon, making it difficult to understand of Vale's socio-technological disaster-crime, as a result of a historical process of the capitalist mining model.

Keywords: Miner Model. Disaster. Territory. Hegemonic Media. Brumadinho.

1 INTRODUÇÃO

Dia 25 de janeiro de 2019, às 12h28min ocorre o ¹desastre-crime sociotecnológico do rompimento da barragem de rejeito de minério de ferro da mina Córrego do Feijão da empresa Vale S.A. com 272 vítimas fatais, em Brumadinho, cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Após o rompimento da barragem as notícias e a imagem de Brumadinho passaram a se referir apenas ao desastre e à lama de rejeito de minério de ferro, provocando incômodos à população atingida trazendo uma reabilitação dos danos do rompimento na medida em que a cidade passou a ser estigmatizada como a “cidade que foi destruída pelo rompimento”, ou a “cidade contaminada”.

O rompimento de uma barragem de rejeito de minério é o ápice da violação de direitos dos danos causados pela atividade minerária em que o lucro está acima da vida, levando à expulsão e consequente desterritorialização da população atingida de suas casas, seu núcleo familiar, seus laços afetivos, suas tradições, seu bairro/comunidade e cidade.

Com o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho foram publicadas diversas notícias sobre a cidade que se refere ao rompimento e à imagem de

Brumadinho “coberta” ou destruída pela lama causando incômodos à população atingida, pois antes do desastre a cidade era conhecida pelo circuito turístico, uma das principais atividades econômicas do município. Neste contexto tem-se como pergunta norteadora para este trabalho: Qual a narrativa criada pela mídia hegemônica em contexto de desastre sobre a cidade de Brumadinho entre os anos de 2019 a 2022?

Parte-se da hipótese de trabalho de que a mídia hegemônica, em suas discursividades, desconstrói a relação da população com o território nos textos noticiosos.

Salientamos ainda que a escolha por esta temática coaduna com a experiência empírica de uma das autoras no trabalho junto à população atingida.

Alinhados a esses fatores, consideramos ainda a relevância social dessa temática ser discutida no âmbito da academia, ao concebermos a importância do estudo da produção das notícias, relacionadas aos grandes empreendimentos em sociedades capitalistas globalizadas e suas implicações nos processos sócio históricos de luta dos movimentos sociais por mudanças, justiça e reparação no contexto dos desastres-crimes sociotecnológicos.

¹Neste contexto, o termo tem origem a partir do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, 2015, onde: “O rompimento da barragem de Fundão trouxe à tona toda essa sorte de disputas, a começar pela designação do próprio fato, que é nominado pelas empresas responsáveis por ele, pelo setor econômico de forma geral, pelos diversos segmentos do poder estatal e pela mídia como um “acidente”. Em oposição à palavra acidente, que designa um acontecimento casual, fortuito e inesperado, os movimentos sociais, os grupos de pesquisa e o Ministério Público

utilizaram inicialmente a denominação “desastre tecnológico”, com base na literatura crítica à mineração. Com o transcorrer das investigações e dos debates acadêmicos em torno do fato, a designação “desastre tecnológico” foi substituída ora por “desastre-crime”, ora por “desastre sociotecnológico”, demonstrando, em qualquer caso, que se trata de um fenômeno cuja designação deve ser cuidadosamente elaborada porque gera efeitos sobre a sua escuta. Por essa razão, será adotada, nessa proposta, a terminologia “desastre-crime sociotecnológico”. (SOUZA; CARNEIRO, 2017, p.3).

Para alcançar os objetivos propostos para a pesquisa o referencial teórico se estrutura em cinco seções. A primeira seção, "Introdução", traz uma breve contextualização e justificativa da pesquisa. A segunda seção expõe os debates relacionados às questões de território de acordo com Haesbaert (2021) e Santos (2002) e as implicações do modelo minerador nas relações com o território. A terceira seção trata do discurso midiático e a construção da narrativa da mídia no processo de formação de opinião pública conforme Fairclough (2001), Charaudeau (1996) e Traquina (2016). A quarta seção elucida sobre a Metodologia utilizada neste trabalho, tratando sobre os aspectos e procedimentos metodológicos, ressaltando a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) como metodologia utilizada para análise. Neste sentido, em seguida, a quinta seção traz "Resultados e análises" na qual é apresentada a análise e discussão dos dados coletados. E, por fim, a sexta seção, expõe as considerações finais de acordo com a discussão dos dados coletados para a pesquisa.

1.1 Objetivos Geral

Compreender qual a narrativa criada pela mídia hegemônica em contexto de desastre sobre a cidade de Brumadinho (2019-2022).

1.2 Objetivos Específicos

Identificar as notícias publicadas na mídia hegemônica, sobre a cidade de Brumadinho que tratam sobre o desastre do rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão da empresa Vale S.A. no período de 25 de janeiro de 2019 a 30 de janeiro de 2022;

Selecionar as notícias que farão parte do *corpus* de análise do trabalho;

Analisar o conteúdo (AC) das notícias que compõem o recorte deste trabalho na perspectiva de Bardin (2011).

2 TERRITÓRIO E MINERAÇÃO

2.1 Questões de Território

Ao contrário das abordagens geográficas de matriz eurocêntrica, principalmente a anglo-sexônica, que prioriza a análise das questões de território numa perspectiva jurídico-política, Haesbaert (2021) nos aponta que nas leituras latino-americanas encontramos um diálogo bem mais amplo das questões de território com os movimentos sociais, suas identidades e seu uso como instrumento de luta e de transformação social.

Neste campo, o geógrafo afirma que podemos sintetizar três abordagens sobre território, em uma perspectiva latino-americana. A primeira seria a que, em diálogo com referências europeias, propõe o território como o conceito geográfico mais apropriado para se analisar as relações entre espaço e poder, porém ampliando a concepção de poder e destacando as dimensões simbólicas, identitárias, culturais e espirituais dos "usadores do território" como enfatizado por Santos (2002). o que Haesbaert (2021) diz representar uma clara imersão na descolonialidade do poder, sobretudo a partir de sua face étnico-cultural e de gênero, contra ou anti-hegemônica.

A segunda abordagem de território vem das proposições de pesquisadoras feministas, ecofeministas e do movimento indígena e negro que traz

os conceitos de “espaço-corpo”² e “corpo-território”³ enquanto objeto de exercício do poder e como sujeito de resistência. Por fim, temos ainda a abordagem da “terra-território como corpo” sendo esse o espaço de vida, humano e não-humano, que coexistem de forma indissociável, possuindo uma vinculação nítida com o pensamento latino-americano de matriz descolonial. A maioria dos povos tradicionais de ⁴matriz africana, assim como os ⁵povos indígenas, possuem em comum a visão do ser humano enquanto elemento não desassociado da natureza, mas privilegiado por compreender e poder vivenciar a natureza enquanto lugar sagrado e de ensinamentos para a vida. Por consequência, dentro destas culturas, os valores e atitudes partem de um sentimento menos utilitarista da natureza, mas baseados na espiritualidade subjetiva dos indivíduos, onde os sentimentos de identidade, ancestralidade e sacralidade tornam-se a base dessa relação, a partir da noção vital da terra como sujeito vivo capaz de parir a vida de tudo aquilo presente como sujeito vivo no mundo.

Aprofundando as questões de território a partir do olhar do intelectual brasileiro Milton Santos (1996), com foco nas realidades do “mundo subdesenvolvido”, que buscou uma renovação para os estudos geográficos através da aplicação dos olhares marxistas, é possível compreendermos a importância dessa categoria de análise, frente às problemáticas que se renovam e se intensificam no mundo atual.

A compreensão conceitual vem, primeiramente, dos espaços geográficos enquanto conjuntos indissociáveis de sistemas de objetos e sistemas de ações. Santos (1993) reconhece que o território não é apenas fundamento do Estado-nação, mas, o território usado. O autor designa o conjunto de objetos e ações, sinônimo de espaço humano e habitado, além de acolher novos recortes, podendo ser formado no período contemporâneo por lugares contíguos e lugares em rede.

Em Santos (1996) tais conceitos são formulados através de exemplos práticos de espaços geográficos específicos, observando o global sobre o local, a partir da lógica do capital e as

² Geógrafo Henri Lefebvre (1986), sobre o espaço-corpo: Antes de produzir efeitos no âmbito material (utensílios e objetos), antes de produzir-se (alimentando-se dessa materialidade) e de reproduzir-se (pela geração de um outro corpo), cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele se produz no espaço e produz o espaço (p. 199).

³ Valentine (2001), também a partir da categoria espaço, afirma: “O corpo não apenas está no espaço, ele é espaço”, como “uma superfície [de inscrição], (...) marcada e transformada pela nossa cultura”, como um “ser sensitivo, a base material da nossa conexão com e da nossa experiência do mundo”, e como a fronteira da psique (2001, p. 23). Expressões como “superfície marcada pela cultura” e “fronteira” aludem a traços de “territorialidade” presentes através do espaço do corpo.

⁴ São quatro comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares em Instituto Federal de Pernambuco. Campus Recife. Curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural. 07 de fevereiro de 2023.

Brumadinho: os quilombos Marinhos, Sapé, Ribeirão e Rodrigues, além do Lagoa, Casinhas e Massangano, em processo de reconhecimento oficial como quilombo. Fonte: Articulação Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale. Disponível em: <https://atingidosvale.com/foto/resistencia-quilombola-nas-comunidades-de-brumadinho/>

⁵ Dentre os povos indígenas existentes em Brumadinho, encontramos as etnias *pataxó* e *pataxó Hã Hã Hãe*, diretamente atingidos pelo crime da Vale, e mais recentemente os *Xukuru Kariri*. Fonte: Brasil de Fato. Matéria publicada “Com a morte do Rio Paraopeba, em Brumadinho, indígenas pedem realocação de território”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/com-a-morte-do-rio-paraopeba-em-brumadinho-indigenas-pedem-realocacao-de-territorio>

relações verticais de poder, impostas de forma muitas vezes perversas, inclusive na materialização dos espaços, provocando processos de sofrimento, do qual, o autor refere-se como “desenraizamento” e “desterritorialização”. Em textos já dos anos 2000, Santos (2000; 2002) concebe o território como chave explicativa para o período contemporâneo, mais marcado pela globalização do dinheiro e transnacionalização dos intercâmbios sob o paradigma do meio técnico-científico informacional. O território usado, para o autor, aparece como uma categoria de análise se comportando como o fundamento do trabalho, lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2002). Para ele, a existência do território só é dada pela vida que o anima e por suas relações sociais.

Assim, observamos os conflitos que existem entre a sociedade (que necessita de seu território para exercer toda a sua dimensão cultural) e as concepções capitalistas verticais, que tendem a reduzir os territórios a categoria de bases físicas, ou seja, terrenos para obtenção dos lucros, valorando os espaços a partir de uma cultura extremamente tecnicista, política e econômica através das lógicas de dominação, em detrimento dos aspectos culturais mais subjetivos, como sentimentos de identidade, pertencimento e outros valores simbólicos criados pelas comunidades através da apropriação dos territórios, em relações, geralmente, mais horizontais.

Outra importante contribuição conceitual vem da globalização numa

abordagem descolonial, onde Santos (2003) destaca o caráter perverso e os efeitos destrutivos da globalização dentro dos territórios, a partir do avanço no capitalismo numa escala global, onde o sistema se apresenta no sentido da criação de interdependência de grupos isolados, destacando o papel da ideologia dentro destas construções. Essa perspectiva é também abordada por Walter (2006) na obra “A globalização da natureza e a natureza da globalização” ao analisar a força da imagem da globalização, veiculada através dos meios de comunicação de massa, sobre o nosso imaginário, o autor destaca que as grandes transnacionais se utilizam dos meios de comunicação com propósitos de defender os seus interesses e que esse processo de supervalorização da escala global acaba fragilizando e desvalorizando a nossa identidade cultural e ligação com o território local.

Na próxima seção discutiremos as implicações do modelo minerador, desastre e suas relações com o território, com base em Araújo (2019), Harvey (2004), Haesbaert (2006) e Portella (2017).

2.2 Modelo minerador, desterritorialização e desastre

Enquanto repetição de um padrão histórico de poder, o atual modelo mineral brasileiro possui um papel marcante na história do país. Desde a dominação colonial, a mineração segue como uma entidade econômica imposta que marca a história da América Latina.

Neste contexto, a América Latina teria se libertado do poder imperial,

para os efeitos dos respectivos atores o que conta é, sobretudo, esse conjunto de pontos adequados às tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico. (SANTOS 2006; 2006).

⁶ As verticalidades podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos. (...). Esse espaço de fluxos seria, na realidade, um subsistema dentro da totalidade-espaço, já que

mas não do sistema moderno minerador. Segundo Aráoz (2019) existe um padrão de repetição na forma como a mineração aconteceu no passado colonial da América Latina e como ela ainda funciona nos dias atuais, é o que o autor chama de ⁷*Princípio de Potosí*. Esse padrão de repetição estaria relacionado não apenas às questões políticas e econômicas, como à forte presença do Estado enquanto viabilizador das explorações, mas também operando do ponto de vista das mentalidades, isto porque o colonialismo implantado nas Colônias americanas, além de implicar na expropriação das riquezas para a Europa, também implantou o que o autor denomina colonialidade, isto é:

Um conjunto de transformações mentais e subjetivas nas populações originárias e nos colonos que eternizou a mentalidade subalterna, dificultando ou mesmo impedindo que os Estados nacionais latino-americanos superassem as condições de pobreza implantadas desde a invasão e buscassem na manutenção e até na intensificação da mineração as tentativas de superar as suas condições de subdesenvolvimento. (ARÁOZ, 2019, p.85)

Assim, o autor considera que a mineração capitalista colonizou não apenas o mundo, mas os sentidos da vida. Na atualidade, podemos visualizar o princípio de Potosí no Brasil

através do condicionamento dos empreendimentos mineradores aos ciclos produtivos influenciados pelo mercado internacional, pelas variações nos preços de *commodities*, na participação do estado brasileiro na criação de infraestrutura, empresas estatais e incentivos fiscais para os investimentos, assim como na atração de corporações transnacionais através dos incentivos e desregulamentação ambiental e trabalhista. Outra característica que se perpetua é a violência, enquanto eixo fundamental deste modelo extrativista, através do extermínio de populações originárias para implantação de empreendimentos, migrações, urbanização descontrolada, apropriação e destruição das paisagens naturais

David Harvey (2004), no livro “O Novo Imperialismo” apresenta o conceito de ‘acumulação por despossessão’ ou ‘acumulação por espoliação’, para o autor:

A acumulação por espoliação tem a função de expropriação e depredação de espaços existentes, de desvalorização de nichos de mercado e patrimônios para criar oportunidades lucrativas capazes de absorver excedentes de capitais. Dentre os métodos de acumulação por espoliação estão a apropriação de recursos minerais e a tendência de privatização desses recursos, nas quais o Estado possui papel central na imposição desses

⁷ Conceito segundo o qual mineração seria um “princípio fundado pelo Império Espanhol em Potosí, Bolívia, ou seja, a mineração é um sistema moderno desde a origem, é um sistema de esgotamento completo da terra e dos indivíduos humanos que a fazem e a consomem.” O princípio Potosí, na experiência da teoria da dependência, é: uso intensivo dos

bens naturais, superexploração da força de trabalho e uma rede ideológica que estimula a dialética – de periferia centro – permanente. É no centro capitalista que se cumpre a acumulação pela dependência das economias coloniais. Portanto, há uma dialética entre economia industrial, centro do capitalismo e periferia fornecedora de matérias primas.” (ALVES; TROCATE, 2020, p. 20).

procedimentos mesmo contrariando a vontade da população local. (HARVEY, 2004, p. 16).

Ou seja, a atividade mineradora acontece no Brasil de forma bastante verticalizada, sem espaço para a participação popular, alto grau de corporativismo e com participação do Estado, aspecto sintetizado pelo que Boaventura de Sousa Santos (2007) chama de “fascismo territorial”, obscurecendo a participação popular na discussão do território, inclusive em momentos históricos marcados por situações extremas”, como o caso da tragédia provocada pela Vale em Brumadinho, onde os canais de verdadeiro diálogo com os atingidos se mostrou escasso.

Os territórios da mineração ainda reproduzem a histórica relação de subordinação das comunidades locais às estratégias de desenvolvimento das mineradoras, não apenas nos espaços construídos (e destruídos) mas também através de uma grande influência nas relações sociais comunitárias, a partir das políticas públicas e leis, que regulam o território e viabilizam sua apropriação, reorganizando extensas áreas, alterando o modo de vida e tornando mais instável e precária a relação dos indivíduos com o território.

Sendo um dos setores que mais atuaram para a desterritorialização de populações no Brasil, a exemplos dos espaços apropriados pela Vale no estado do Pará, e outras tradicionais áreas como o ⁸quadrilátero ferrífero. Neto (2020) cita Haesbaert (2006) esclarecendo a respeito dos processos de desterritorialização no contexto de desastre, tomando como exemplo o

rompimento da barragem provocada pela Vale em Mariana em 2015, no que:

Apesar de desastre sugerir um processo de desterritorialização, somente algumas de suas características são observadas, pois isso envolveria: o desenraizamento e a desorganização de territórios pela saída ou perda de vínculos identitários da população que constitui um território/territorialidade, ou pela ação externa de comandos estatais ou corporativo-empresariais que introjetam novas lógicas de modernização capitalista e de controles políticos estranhos ao território. A globalização, enquanto processo e discurso do capitalismo financeiro e monopolista, teria uma lógica intensamente desterritorializada. (HAESBAERT, 2006, p. 157).

Neste sentido, o crime provocado pela Vale em Brumadinho foi um ponto de aceleração em um processo de desterritorialização que já existia no território, através das lógicas da globalização. Como vimos, o capitalismo provoca afastamento da população local com o seu lugar de origem, em relações em que predominam os aspectos verticais em detrimento dos aspectos culturais mais subjetivos, como sentimentos de identidade, pertencimento e outros valores simbólicos.

Com relação a concepção de desastre é importante observar a tendência de transformar desastres-

⁸Quadrilátero Ferrífero é uma região do estado de Minas Gerais descoberta no século XVII, onde está localizada pelas cidades de Sabará,

Rio Piracicaba, Congonhas, Casa Branca, Itaúna, Itabira, Nova Lima, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Mariana, Brumadinho entre entre outras, com extração de minerais.

crime sociotecnológico em ⁹desastres naturais, no sentido de resultado de uma causa natural, sem nenhuma ou pouca intervenção humana. Essa característica é analisada por Sérgio Portella (2017), no artigo “O desastre e a percepção da percepção social do risco: Mariana, pororoca de lama!”, quando destaca:

Esse “natural” seria indiferente à ação humana, amoral, atemporal, e caracterizado por um automatismo comandado por leis alegadamente imutáveis – físicas, naturais ou tão imutáveis como se fossem de origem divina.” (...) Tal concepção contribui com o processo de transformar os desastres em naturais – imprevisíveis – **descolando-os dos nexos sócio- históricos que possibilitam a sua ocorrência.** (PORTELLA, 2017, p. 07, grifo nosso.)

Segundo o autor, o impacto do desastre evidencia ainda a desorganização social, pois no momento do desespero, as tragédias sempre são vistas como uma questão da defesa civil, porém “a defesa é reação a um ataque”. O caso é de prevenção” Portella (2017, p. 01.), e para isso seria necessário observar a íntima relação entre os desastres e o modelo minerador capitalista:

⁹ De acordo com a Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (Cobrade): “Para os naturais, são considerados cinco grupos: geológicos, hidrológicos, meteorológicos, climatológicos e biológicos. Já os tecnológicos são separados em ocorrências relacionadas a substâncias radioativas, produtos perigosos, incêndios urbanos, obras civis e transporte de passageiros e de cargas não perigosas.” Dentro da categoria de Desastres tecnológicos relacionados a obras civis, há o subgrupo “Rompimento ou colapso de barragens”. Fonte: Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Disponível em:

Baseado principalmente em uma “superexploração dos recursos naturais com grandes lucros para empresas/holdings detentoras de monopólios, muitas vezes, misturados a ganhos ilícitos, ou no mínimo, imorais, por políticos que favorecem os interesses das companhias (FREITAS et al, 2016, p.6).

Perspectiva que torna “comum” haver acidentes de trabalho e desastre em mineradoras, onde o caráter imprevisível, ou inesperado não deveria ser considerado.

Na próxima seção discutiremos o discurso midiático e a construção da narrativa da mídia no processo de formação de opinião pública conforme Fairclough (2001), Charaudeau (1996) e Traquina (2016).

3 DISCURSO MIDIÁTICO

A concepção tridimensional do discurso elaborada por ¹⁰Fairclough (2001) nos mostra, além de um caminho metodológico para ¹¹ACD - Análise Crítica de Discurso, as relações transversais entre a prática textual, prática discursiva e prática social, ou seja, os textos são produzidos dentro de uma prática discursiva que envolve a sua produção, distribuição e consumo, estando todo este processo

<https://www.gov.br/mdr/pt-br/ultimas-noticias/entenda-a-diferenca-entre-os-tipos-de-desastres-naturais-e-tecnologicos-registrados-no-brasil#:~:text=Para%20os%20naturais%2C%20s%C3%A3o%20considerados,e%20de%20categorias%20n%C3%A3o%20perigosas.> Acesso em: 17 jan. 2023.

¹⁰ Norman Fairclough (1941) é um linguista britânico, professor emérito na Universidade de Lancaster. É considerado um dos pioneiros da análise crítica do discurso (ACD).

¹¹ Neste trabalho utilizamos a ACD como discussão teórica, não como metodológica.

inserido dentro de uma prática social que nas sociedades globalizadas servem de suporte às estruturas de dominação e são por elas, moldadas. Nestes contextos, a produção das notícias não é realizada de forma aleatória, ao contrário, através de uma Análise Crítica do Discurso (ACD) é possível compreender como os discursos jornalísticos refletem as relações de discriminação, desigualdade social, poder e controle social manifestas na linguagem. O autor afirma que o discurso não apenas reflete realidades, ele também participa das suas construções:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhes são subjacentes.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim podemos deduzir que, em uma situação de desastre de grandes proporções, como a que ocorreu em Brumadinho, não apenas a população brasileira e internacional passou a enxergar o acontecimento através dos discursos jornalísticos produzidos, como também, estes discursos exerceram influência sobre os próprios atingidos pelo desastre, é o que Fairclough chama de efeitos construtivos do discurso. Para o autor, o discurso enquanto ação social, contribui para a construção das identidades sociais, para a construção das relações sociais entre as pessoas, assim como para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Como consequência, essas estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, orientando as ações sociais de forma bastante

eficaz e naturalizadora. As orientações ideológicas dos grupos hegemônicos cumprem o seu papel quando atingem o *status* de senso comum. Segundo Fairclough:

Os 'aparelhos ideológicos de estado' (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente.” (2001, p.117).

É possível estudar as mídias sob variadas perspectivas, o linguista Patrick Charaudeau, em sua obra *Discurso das mídias* (1996), pontua que apesar de não constituir uma instância de poder oficial dentro do Estado, é possível observar, no campo simbólico, como os discursos midiáticos podem participar, juntamente com outros atores, da construção de representações e sentidos sobre o mundo. Segundo Traquina (2016) “As “notícias” são um produto final de um processo complexo” (p. 309) onde um dos critérios de seleção no processo de elaboração das notícias são os acontecimentos que mais chamam atenção dos leitores. Esses acontecimentos podem ser, dentre outros, situações singulares, fatos considerados inesperados, como os desastres, o que o autor chama de “valor-notícia primário ou fundamental”.

Neste processo os acontecimentos se tornam inteligíveis, apresentando de forma implícita, suposições sobre o que é a sociedade e como ela funciona, em que

O problema é que os *medias* apresentam frequentemente informações de acontecimentos que

ocorrem fora da experiência direta da maioria da sociedade. Os *media*, desta forma, apresentam a primeira, e muitas vezes a única, fonte de informação acerca de muitos acontecimentos e questões importantes. (TRAQUINA, 2016. p. 314).

Ou seja, a mídia não apenas define quais são os acontecimentos significativos que serão divulgados, mas também oferece interpretações sobre como estes acontecimentos podem ser compreendidos. Charaudeau (1996) destaca ainda questões que considera inerente às mídias, sendo:

O contrato de informação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de *fazer saber*, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio da seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de *fazer sentir*, que deve fazer escolhas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio da emoção ao produzir efeitos de dramatização (CHARAUDEAU, 1996, p. 92).

Ou seja, na tentativa de alcançar um grande número de pessoas, muitas vezes, a mídia recorre a simplificações e clichês para se tornar mais atrativa, chamar a atenção do público, gerar audiência ou mais acessos, neste sentido, um dos seus objetivos é produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial. O autor acrescenta ainda que “É uma falácia discutir, sem parar, como fazem as mídias, sobre a questão da objetividade da informação”, uma mídia que só satisfizesse ao rigor sóbrio e ascético

do *fazer saber* estaria condenada a desaparecer.

Além disso, o autor explica que para as mídias é impossível conseguir transmitir a totalidade da realidade social, a imagem sempre é fragmentada e as explicações relativas. Outro importante fator no aspecto de produção das notícias é a influência dos processos ideológicos, além do importante olhar do jornalista sobre os acontecimentos, (tendo em vista que, inclusive, para que um acontecimento exista é preciso nomeá-lo) existem ainda outras influências ideológicas que interferem no processo de elaboração das notícias, Traquina (2016) explica que, além das pressões práticas de trabalho contra o relógio e as exigências profissionais de objetividade e imparcialidade na elaboração de uma notícia, sempre existem os sujeitos “definidores primários e secundários” dos tópicos, que são as fontes jornalísticas. Ou seja, no processo de elaboração das notícias, os medias sempre buscam o recurso das fontes institucionais, regulares e creditáveis, orientados pelas noções da “imparcialidade”, “equilíbrio” e “objetividade”, onde o autor destaca que um produto destas regras é a distinção cuidadosamente estruturada entre “fato” e “opinião”, onde:

Essas regras profissionais dão origem a prática de assegurar que as afirmações dos medias seja, onde quer que seja, fundamentadas em afirmações “objetivas” e “autorizadas” de fontes “dignas de crédito”, isso significa o recurso constante a representantes dignos de crédito de instituições” (...) onde umas das “fontes acreditadas” seria “o “perito”: a sua atividade – a busca “desinteressada” do

acontecimento – a sua posição ou representação – abona em favor da “objetividade e autoridade” (TRAQUINA, 2016, p. 315, 316).

Há, porém, uma estrutura que dá preferência à opinião dos poderosos, são estes os definidores primários de tópicos. Neste sentido, os media possuem um papel secundário, reproduzindo as definições daqueles que têm acesso privilegiado de direito, acabando assim por reproduzir as ideologias das classes dominantes.

A respeito da opinião pública sobre um acontecimento, Traquina (2016) fala da forma como os media se expressam para influenciar a opinião pública, uma delas é utilizar palavras que expressariam a suposta opinião do público sobre um acontecimento, “é o ponto onde os media mais ativa e abertamente modelam e estruturam a opinião pública.”, pois podem incitar a opinião pública aderir ao que defendem. (TRAQUINA, 2016, p. 322). Traquina fala ainda que esse tipo de editorial tem o objetivo de contrapor uma medida já tomada em apoio a alguma ação. Mas cabe aqui destacar que em casos de contexto de desastres ambientais, mesmo com a aparente denúncia do crime cometido, é importante questionar como é modelada a opinião pública sobre a imagem de um território atingido.

A próxima seção elucida sobre a Metodologia utilizada neste trabalho, tratando sobre os aspectos e procedimentos metodológicos e a Análise de Conteúdo com base em Bardin (2011).

4 METODOLOGIA

4.1 Aspectos Metodológicos

Pode-se compreender a Análise de Conteúdo como um conjunto de técnicas que tem por objetivo obter

indicadores que permitam compreender a origem/produção e consequências da mensagem submetida à análise. Bardin (2011) comenta que a fundamentação da análise de conteúdo se dá na articulação entre a superfície do texto e suas características a partir da análise e descrição com os fatores que determinaram estas características deduzidas.

A análise de conteúdo não sugere um modelo pronto de análise, mas algumas regras que servem de base para a investigação, se adequa ao objetivo e se reinventa a cada necessidade de período da pesquisa. Portanto, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (BARDIN, 2011, p. 38).

Bardin (2011) divide o método da análise de conteúdo em três etapas, mas que não necessariamente acontecem nesse ordem, mas que fundamentalmente dependem umas das outras:

A) Pré-análise: etapa da organização - escolha do material a ser submetido à análise; formulação de hipóteses e objetivos; e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

Bardin (2011) sugere algumas regras de escolha do corpus:

- Exaustividade: definição do campo do corpus;

- Representatividade: definição da amostra (nem todo material é suscetível de ter uma amostragem, neste caso reduz-se o próprio universo e abrangência da análise)

- Homogeneidade: a escolha do material deve

obedecer a critérios de escolha e não apresentar diferenças fora destes critérios. O material deve ser escolhido sob um mesmo tema, obtidos por técnicas idênticas e submetidos e realizadas por indivíduos semelhantes;

- Pertinência: os materiais escolhidos devem atender aos objetivos propostos para análise;

B) Exploração do material: administração das decisões tomadas. É a codificação do material transformado por recorte (escolha das unidades), agregação (escolha das categorias) e enumeração (escolha das regras de contagem).

C) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: confirmação ou surgimento de hipóteses.

4.2 Procedimentos de Trabalho

A reunião e organização das matérias jornalísticas que compõem o *corpus* desta pesquisa permitirá uma análise de conteúdo que se desdobra em três etapas fundamentais, conforme concepção de Bardin (2011): Pré-análise, Exploração, Tratamento dos resultados e Interpretação (Referencial).

Para a etapa de **Pré-análise** foi levantado o *corpus* ampliado da pesquisa configura as notícias publicadas no período de 25 de janeiro de 2019 a 31 de janeiro de 2022 em sites de mídias, a partir da busca na ferramenta Google, considerando as cinco primeiras páginas. O questionamento apresentado inicialmente neste trabalho: Qual a narrativa criada pela mídia hegemônica em contexto de desastre sobre a cidade

de Brumadinho entre os anos de 2019 a 2022? Foi determinante para a escolha das palavras que foram utilizadas para a busca de palavras-chave no ambiente virtual, sendo: Brumadinho; Desastre; Rompimento; Meio Ambiente e Atingido. Com isso foram encontradas 157 notícias.

A partir desse resultado, os dados coletados foram organizados em ordem cronológica, excluindo as repetições e as notícias publicadas por mídias não-hegemônicas totalizando 93 notícias.

Já na etapa de “Exploração do material” foi escolhido os “critérios do recorte” onde ainda no período de pré-análise observamos que as palavras: Contaminação; Destruição; Lama, Morte e Rejeito foram muito frequentes nos primeiros resultados, logo seguindo a sugestão do critério de “Exaustividade” enquanto definidor do campo do *corpus* de Bardin (2011), tais palavras foram utilizadas enquanto critério de recorte deste trabalho. Logo, foram selecionadas as notícias publicadas por mídia hegemônica que constem em seus títulos as seguintes palavras-chave: Contaminação; Destruição; Lama, Morte e Rejeito. considerando no resultado da pesquisa termos ou palavras que sejam equivalentes a estas (o que não foi marcado no título, ou seja, o não dito de forma explícita). Estas palavras-chave configuram a agregação, ou seja, a escolha de categorias de análise da pesquisa, resultando 17 notícias, das quais cinco foram submetidas à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo proposta nesta pesquisa que é compreender qual a narrativa criada pela mídia hegemônica sobre a cidade de Brumadinho após o desastre do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, da empresa Vale S.A, a análise de conteúdo faz-se necessário pois “Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer

transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo”. (Bardin, 2011, p. 32).

Logo, na próxima seção traremos a análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa, com base na metodologia proposta e fundamentação teórica até então apresentada.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

Esta etapa corresponde ao **Tratamento dos resultados, inferência e interpretação** proposto por Bardin, ou seja, será possível confirmar a hipótese e responder ao problema de pesquisa que se dá com a seguinte pergunta: **“Qual a narrativa criada pela mídia hegemônica em contexto de desastre sobre a cidade de Brumadinho entre os anos de 2019-2022?”**

Nesta seção apresenta-se a análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa. Com o total de 17 resultados, segue abaixo o Quadro de Notícias (Quadro) composto pelas categorias: **Contaminação** com zero (0) resultados; **Destruição** com um (01) resultado; **Lama** com nove (09) resultados; **Morte** sete (07) resultados e **Rejeito** com (01) resultado



QUADRO DE NOTÍCIAS DA MÍDIA HEGEMÔNICA

Nº	Título	Jornal	Data	Link de Acesso	Categoria/ Título	Categoria / Subtítulo e Conteúdo
1	Vídeo mostra o momento exato em que barragem da Vale se rompe em Brumadinho	TV Globo, Belo Horizonte	01/02/2019	https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/01/video-mostra-o-momento-exato-em-que-barragem-da-vale-rompe-em-brumadinho.ghtml	Destruição: destruindo (1)	Subtítulo: -Rejeito: rejeitos (1) - Conteúdo: Rejeito (1): rejeitos; -Destruição (4): devastadora; engolido; destruiu; atingidos -Lama (5): lama; mar de lama; onda; -Morte (2): mortos; identificados;
2	Brumadinho, atingida por mar de lama, é conhecida pelo Inhotim	R7	25/01/2019	https://noticias.r7.com/cidades/brumadinho-atingida-por-mar-de-lama-e-conhecida-pelo-inhotim-29062022	Lama: mar de lama (1)	Subtítulo: 0 Conteúdo: - Lama (1): lama.
3	Medo de ser atingido por lama marca saída de visitantes de Inhotim	Veja	25/01/2019	https://veja.abril.com.br/brasil/medo-de-ser-atingido-por-lama-marca-saida-de-visitantes-de-inhotim/	Lama (1)	Subtítulo: Conteúdo: -Rejeito (1): rejeitos



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

4	Tragédia em Brumadinho: o caminho da lama	G1 Minas	27/01/2019	https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/27/tragedia-em-brumadinho-o-caminho-da-lama.ghtml	Lama (1)	Subtítulo: Conteúdo: -Destruição (1): destruição - Lama (8): lama; onda de lama; - Morte (1): desaparecidos - Rejeito (3): rejeitos - Morte (1): mortos
5	Brumadinho: Imagens mostram rompimento da barragem e extensão da lama	UOL	01/02/2019	https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/01/video-barragem-brumadinho-rompendo.htm	Lama (1)	Subtítulo: Conteúdo: -Lama (3): lama; -Rejeito (1): rejeitos - Destruição (1): engolidos -Morte (1): morreram
6	Lama que vazou de barragem em Brumadinho atingiu área de influência do Parque do Rola-Moça	Estado de Minas Gerais	01/02/2019	https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/02/01/interna_gerais,1026998/lama-barragem-brumadinho-atingiu-area-parque-do-rola-moca.shtml	Lama (1)	Subtítulo: Conteúdo: -Rejeito (3): rejeitos -Lama (2): lama
7	Lama avança 98 km	GZH	01/02/2019	https://gauchazh.clicrbs.co	Lama (1)	Subtítulo:



	após rompimento da barragem de Brumadinho			m.br/geral/noticia/2019/02/lama-avanca-98-km-apos-rompimento-da-barragem-de-brumadinho-cjrlukcrm01y101nyd14m7r6r.html		-Rejeito (1): sedimentos; Conteúdo: -Rejeito (2): sedimentos; rejeitos - Morte (2): (morrendo-animais); soterrados (parentes); - Lama (1): mar de lama;
8	Anais da catástrofe: O MOVIMENTO DA LAMA	UOL Folha de São Paulo	02/02/2019	https://piaui.folha.uol.com.br/o-movimento-da-lama/	Lama (1)	Subtítulo: Conteúdo: -Rejeito (2): rejeito; -Morte (1): matando - Destruição (1): - Lama (1)
9	Moradores de Brumadinho lutam para reconstruir a cidade tomada pela lama	Correio Braziliense	19/05/2019	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasilia/2019/05/19/internacional/2019/05/19/internacional-brasil,755791/moradores-de-brumadinho-lutam-para-reconstruir-a-cidade.shtml	- Lama (1) - Destruição (1): reconstruir	Subtítulo: -Morte (1): mortos - Destruição (1): Conteúdo: Lama (5): lama; Destruição (2): destruiu; destruição Morte (1): mortos
10	Três anos após	G1 Globo	25/01/2022	https://g1.globo.com/mg/m	Lama (1)	Subtítulo:



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

	tragédia da Vale, famílias ainda vivem angústia à espera de localização de 6 vítimas: 'A lama não é o lugar deles'			inas-gerais/noticia/2022/01/25/tes-anos-apos-tragedia-da-vale-familias-ainda-ivem-angustia-a-espera-de-localizacao-de-6-vitimas-a-lama-nao-e-o-lugar-deles.ghtml	Morte (1): vítimas	Conteúdo: -Morte (29): joias (vítimas) ; perder (filhos); perdeu (filho); identificado (vítima encontrada); mortos; acabou (desse jeito); luto; perdido; buscas; vítimas; corpos; localizadas; casos; morrer; deixou; sobreviveu; ausência; despedir; sumiu; acabou; -Lama (5): - Rejeito (1):
11	Brumadinho: O que se sabe sobre o rompimento de barragem que matou ao menos 115 pessoas em MG	BBC NEWS Brasil	25/01/2019	https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47002609	Morte (1): matou	Subtítulo: Conteúdo: - Morte (17): corpos; mortes; buscas; mortos; vítimas; atingido (termo utilizado por funcionário da Vale para remeter a vítima); perdas de vidas humanas; matando - Rejeito (3): rejeitos; rejeito - Lama (2): - Destruição (1): destruindo
12	Brumadinho: mortos chegam a 99; desaparecidos são	Estadão	30/01/2019	https://www.estadao.com.br/ao-vivo/rompimento-barragem-brumadinho	Morte (1): mortos	Subtítulo: - Rejeito (1): rejeitos



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

	259					Conteúdo: - Morte (6); morte; vítimas; identificadas; mortos; buscas. -Lama (6): lama; -Rejeito (1): rejeitos; -Destruição (1): destruiu; - Rejeito (2): rejeitos
13	Número de mortos chega a 121 em desastre de Brumadinho	Estadão	02/02/2019	https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral.numero-de-mortos-chega-a-121-em-desastre-de-brumadinho.70002705035	Morte (1): mortos	Subtítulo: - Morte (1): "O corpo de uma vítima Obs. conteúdo disponível para assinantes do site.
14	Famílias fazem protesto nos dois anos do desastre em Brumadinho pelas 272 vidas interrompidas	Folha de São Paulo	25/01/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/familias-fazem-protesto-nos-dois-anos-do-desastre-em-brumadinho-pelas-272-vidas-interrompidas.shtml	Morte (1): Vidas interrompidas	Subtítulo: Conteúdo: Mortos (6) Lama (1)
15	Dois anos após tragédia,	Made For Minds	25/01/2021	https://www.dw.com/pt-br/dois-anos-	Morte (1): "Busca de	Subtítulo: Morte (2)



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

	Brumadinho ainda busca vítimas			ap%C3%B3s- trag%C3%A9dia- brumadinho-ainda-busca- v%C3%ADtimas/a- 56332603	vítimas"	Conteúdo: - Rejeito (2) - Morte (6) - Lama (1)
16	Brumadinho, 3 anos: Quem são as 6 vítimas ainda desaparecidas da tragédia.	UOL São Paulo	25/01/2022	https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/01/25/tragedia-de-brumadinho-completa-3-anos-com-6-desaparecidos-saiba-quem-sao.htm	Morte: "vítimas desapareci das"	Subtítulo: Conteúdo: - Morte (4) - Lama (2) - Rejeito (3)
17	Profundidade de rejeitos em Brumadinho pode chegar a até 15 metros	Estado de Minas Gerais	27/01/2019	https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/27/interna_gerais,1025145/profundidade-de-rejeitos-em-brumadinho-pode-chegar-a-ate-15-metros.shtml	Rejeito (1)	Subtítulo: - Lama (1) - Rejeito (1) Conteúdo: - Rejeito (1) - Morte (1)

5.1 Descortinando a Análise de Conteúdo

Do recorte escolhido foram selecionadas cinco (5) matérias jornalísticas mais pertinentes para atender os objetivos da pesquisa. Para tanto a notícia número um, será identificada como N1 e as demais assim sucessivamente: N2, N3, N4 e N5. Deste modo, segue análise abaixo:

5.1.1 N1 - “Vídeo mostra o momento exato em que barragem da Vale se rompe em Brumadinho”, TV Globo, Belo Horizonte, publicada na data em 01 de fevereiro de 2019.

Matéria jornalística publicada pela TV Globo Belo Horizonte, sete dias após o desastre da Vale em Brumadinho, momento em que o acontecimento já era notícia. Apesar de ter recebido grande destaque nas coberturas jornalísticas no decorrer daquela semana, essa era a fase onde, gradualmente, ocorria uma diminuição da recorrência das notícias sobre Brumadinho na mídia hegemônica. Assim, em primeiro de fevereiro a matéria é publicada trazendo uma novidade, que voltou a chamar a atenção, considerando que até então, nenhum vídeo neste sentido havia sido divulgado.

Já no título é possível observar que apesar da palavra “destruição” não aparecer de forma explícita, é sobre isso que ele se refere, por anunciar um vídeo que exhibe o momento exato em que a barragem se rompeu, destruindo tudo que havia pela frente. A expressão: “momento exato”, chama bastante atenção e parece ser o principal atrativo, com forte apelo para aquelas que seriam, provavelmente, as imagens mais dramáticas do desastre.

O conteúdo traz além do texto e infográficos, um compilado de vídeos

divulgados pela Vale, mostrando o momento do rompimento através de diferentes câmeras de segurança. Há uma repetição nos vídeos sobre o momento do rompimento, mostrando a destruição e o avanço da lama sobre pessoas, construções e veículos. Mais adiante imagens de vídeo são ampliadas para mostrar pessoas tentando fugir, ficando claro que para além do anunciado no título, é exibido não apenas o “exato momento do rompimento” mas o exato momento da última tentativa de fuga, de sobrevivência, o exato momento em que corpos são levados pela lama, carros e retroescavadeiras são arrastados após tentativas desesperadas de fuga. Ampliações, setas e “câmera lenta” são utilizadas nos vídeos para sinalizar a localização das pessoas no exato momento da morte, reforçando que muitas vezes “O jornalismo tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos etc., numa “estória” para reforçar a sua notabilidade” (TRAQUINA, 2016, p. 310), dentro de uma lógica comercial de mercado onde as notícias são produtos que têm, como uma de suas finalidades, a encenação da informação, visando satisfazer o princípio da emoção e produzir efeitos de dramatização, CHARAUDEAU (1996), mesmo em situações genuinamente trágicas, onde seriam dispensáveis essas acentuações.

É interessante observar que a própria matéria informa que os vídeos não lhes foram cedidos pela Vale, no trecho a seguir:

Leia, abaixo, a íntegra da nota da Vale:

"A Vale disponibilizou todas as imagens das câmeras de segurança às autoridades um dia após o rompimento da Barragem I, em Brumadinho [que aconteceu em 25 de janeiro].

Para não prejudicar as investigações e, sobretudo, em respeito aos atingidos e seus familiares, a Vale esclarece que não divulga vídeos com imagens do rompimento da Barragem.

Ficando claro que os vídeos com as imagens foram entregues às autoridades para fins de investigação e não para divulgação. Ficando o questionamento, em que momento a ideia de “respeito aos atingidos e seus familiares”, mencionada na nota, foi completamente ignorada. Outra informação relevante é que as pessoas são tratadas como números, como podemos observar no seguinte trecho extraído da matéria:

“Números da tragédia

- 121 mortos confirmados – 107 identificados (veja a lista)
- 226 desaparecidos (veja a lista)
- 192 resgatados”

Na matéria as maiores ocorrências de termos relacionados às categorias da pesquisa são “lama”, aparecendo cinco (5) vezes no texto e “Destruição” aparecendo quatro (4) vezes. Outra característica que chama atenção é o uso de expressões que fazem alusão a fenômenos ou elementos da natureza, tais como: “onda de rejeitos”, “avalanche devastadora”, “tsunami”, “mar de lama” que apontam para uma tendência de transformar desastres-crime sociotecnológicos em desastres naturais, como apontado por PORTELLA (2017, p.7) quando destaca:

Esse “natural” seria indiferente à ação humana, amoral, atemporal, e caracterizado por um automatismo comandado por leis alegadamente imutáveis –

físicas, naturais ou tão imutáveis como se fossem de origem divina.” (...) Tal concepção contribui com o processo de transformar os desastres em naturais – imprevisíveis – descolando-os dos nexos sócio- históricos que possibilitam a sua ocorrência.

Ou seja, tais associações lexicais dificultam a compreensão do desastre-crime sociotecnológicos enquanto resultantes de um processo histórico, mas como consequência de uma ameaça naturalizada e imprevisível.

5.1.2 N2- “Brumadinho, atingida por mar de lama, é conhecida pelo Inhotim”, matéria publicada no R7, em 25 de fevereiro de 2019.

Às 12h28min do dia 25 de janeiro de 2019 ocorreu o rompimento da Barragem do Córrego do Feijão em Brumadinho, menos de 3 horas depois, às 14h55, o portal de notícias e entretenimento na internet, R7, publicava a matéria com o título “*Brumadinho, atingida por mar de lama, é conhecida pelo Inhotim*”. Analisando o título com mais atenção, fica evidente que no momento da publicação, Brumadinho já passava a ser conhecida nacionalmente como a nova cidade atingida pelo “mar de lama” e que anteriormente a esse fato, ela era conhecida (segundo a matéria) pelo Inhotim.

A partir da leitura do conteúdo, vemos um rápido apanhado sobre a cidade, apresentando um breve histórico que destaca a mineração e a pecuária enquanto as principais atividades econômicas, assim como aspectos da sua recente urbanização e turismo. Apenas o museu do Inhotim¹²

¹² Inhotim maior museu a céu aberto da América Latina, localizado na Cidade de Brumadinho.

é citado enquanto atrativo turístico, ignorando as demais atividades turísticas da região que também foram afetadas com o rompimento. De modo geral, o texto apresenta aspectos positivos, por evidenciar a cidade de Brumadinho para além do desastre e de seus impactos, ao mesmo tempo, o texto pode contribuir com a ideia de que, antes do desastre, Brumadinho era quase um “pequeno paraíso”. De acordo com o trecho que se refere à recente urbanização da cidade, que até o final da década de 90 era predominantemente rural: “A cidade fica a apenas 60 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte, em uma viagem que leva pouco menos de uma hora e meia de carro.” onde houve uma “ fuga de moradores da capital, (para Brumadinho) devido à sua proximidade e melhor qualidade de vida.” Posteriormente a questão turística e os atrativos referentes a cultura e as artes são destacados: “Brumadinho recebe cerca de 350 mil visitantes por ano, por conta das obras de arte e das experiências proporcionadas pelas exposições do museu em meio ao ambiente preservado do local.”

Porém, como o texto jornalístico evidencia, o setor das artes e o turismo, infelizmente, não era a principal atividade econômica de Brumadinho, mas sim a mineração. Como vimos em ARÁOZ (2019), a mineração cria relações complexas e violentas dentro dos territórios, logo consideramos que Brumadinho sofreu historicamente os impactos do modelo minerador capitalista dentro do seu território. Quando se pensa em urbanização, ambiente preservado e qualidade de vida nesse contexto, é relevante considerar como isso se deu na cidade diante da relação de subordinação das comunidades locais às estratégias de desenvolvimento da Vale, considerando que historicamente a violência é o eixo fundamental deste

processo desde a implantação dos empreendimentos, como vimos anteriormente, com forte impacto sobre as populações originárias, migrações, urbanização descontrolada, apropriação, espoliação e destruição das paisagens naturais.

Numa abordagem descolonial para além das questões econômicas, consideramos ainda as dimensões simbólicas, identitárias, culturais e espirituais dos “usadores do território”, como enfatizado por SANTOS (2002), incluindo a cosmologia dos povos de matriz africana e povos indígenas existentes em Brumadinho, que possuem em comum a visão do ser humano enquanto elemento não desassociado da natureza, vivenciando a natureza enquanto lugar sagrado, em contradição com a mineração que tende a reduzir os territórios a meros terrenos para obtenção de lucros.

Como vimos o modelo minerador capitalista reorganiza, sob sua lógica, extensas áreas, alterando o modo de vida da população, reconfigurando a paisagem e tornando mais instável e precária a relação dos indivíduos com o território, questões que em Brumadinho dificilmente podem passar despercebidas, quando olhamos para questões relacionadas à qualidade de vida e meio ambiente.

Ainda que a matéria apresente uma narrativa mais “positiva” da cidade de Brumadinho, para além do desastre e seus impactos, a imagem é bastante reducionista, por não refletir, nem de forma superficial, os complexos problemas sociais, econômicos e ambientais que já existiam no território antes do rompimento da barragem, oriundos do modelo minerador capitalista.

5.1.3 N3 - “Anais da catástrofe: O MOVIMENTO DA LAMA”, matéria publicada na Folha de São Paulo, Uol em 02 de fevereiro de 2019.

Matéria publicada oito dias após o desastre, em 02 de fevereiro de 2019, após a divulgação de imagens de satélite do projeto *MapBiomás*, que permitiu a análise científica das possíveis causas do rompimento, por parte de especialistas no assunto.

Iniciamos a análise de título a partir da palavra ¹³“Anais” que em contexto do desastre pode se referir a registro “histórico” de caráter científico, em sequência temos a expressão “o movimento da lama” dando a entender que a matéria irá descrever ou analisar os espaços físicos que a lama percorreu após o rompimento da barragem, ou seja, o seu “movimento”. De fato, durante todo o corpo da matéria são exibidas imagens de satélites que acompanham o “movimento da lama” sobre o território, associadas a imagens comparativas dos mesmos locais, 24 horas antes e quatro dias após o rompimento. Porém, chama atenção o fato do texto não se referir diretamente às imagens apresentadas. É como se as imagens fizessem parte de uma questão paralela, que não é o foco do corpo discursivo. Ficando a dúvida se “movimento da lama” se refere, do ponto de vista científico, a lama enquanto matéria orgânica ou em sentido figurado, referindo-se ao caráter de algo que degrada, algo sujo, que envergonha, em alusão ao

“movimento sujo” da empresa Vale e da empresa alemã Tüv Süd, tanto no percurso que levou a catástrofe, como no momento pós-desastre, ambas buscando se eximir de suas responsabilidades diante da justiça.

No conteúdo da notícia a palavra mais recorrente das categorias é “Rejeito” citada duas (2) vezes. A matéria procura contextualizar de forma científica e técnica o rompimento da barragem da Vale, para tanto, a reportagem consultou três engenheiros, sendo o primeiro especializado em Minas e professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, o segundo professor da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um terceiro engenheiro geotécnico, que na época prestava consultoria para a Vale e pediu para não ser identificado. A matéria explica que segundo estes especialistas, apesar de não ser possível afirmar a causa exata do rompimento, os indícios apontavam para negligências por parte da mineradora, sendo as causas mais prováveis o excesso de água ou deformação na estrutura, associadas a falta de manutenção, assim como a não utilização (ou utilização inadequada) de equipamentos de monitoramento. Outra causa apontada seria a ¹⁴“liquefação da lama” com a “formação de solo colapsável”. A maioria dos especialistas traz críticas à falta de

¹³ Segundo o dicionário *Michaelis on-line*, Anais se refere: 1. História de um povo contada ano por ano; registro da história, ou narração, organizada ano a ano. 2 Publicação periódica, anual. 3 Publicação relativa aos atos e estudos de congressos científicos, literários ou de arte. 4 POR EXT Registro pessoal de lembranças; crônica de memórias: “*Naquela mesma noite realizou-se o banquete, um banquete que ficaria nos anais da realeza [...]*” (MS).

¹⁴ Segundo Narciso Ferreira Lope, engenheiro geotécnico, vice-presidente da seção

fluminense do Sindicato Nacional de Empresas de Engenharia Consultiva e Arquitetura, a Sinaenco, consultado pela reportagem, isso acontece quando “toda a estrutura de alteamento da barragem (os degraus onde se empilham os rejeitos), se desmanchou porque o solo entrou em colapso. Segundo ele, há várias razões para que isso aconteça, de um pequeno terremoto na área, o que já foi descartado pelos sistemas de medição sísmica, até, inclusive, falta de chuva. Isso porque, nesse caso, a parte de cima da barragem, segundo ele, fica mais pesada do que a de baixo, que está molhada.

treinamento e plano de fuga que ficaram explícitas na data do desastre, assim como à falta de alerta das sirenes de segurança que não tocaram.

A matéria informa que “a Vale foi procurada, mas não respondeu às perguntas da reportagem sobre as causas do rompimento”, em seguida é apresentada a nota oficial onde a Vale parece transferir a culpa do rompimento para a empresa Tüv Süd que atestou, meses antes, a estabilidade da barragem através de laudo técnico, no seguinte trecho extraído da matéria:

A empresa emitiu nota informando que “todas as suas barragens possuem Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração conforme estabelece a legislação brasileira”. Afirmou ainda que o plano é construído “com base em estudos técnicos e hipotéticos para o caso de um rompimento”. Assegura também que “a estrutura possuía todas as declarações de estabilidade aplicáveis e passava por constantes auditorias externas e independentes”, além de inspeções quinzenais. A estrutura, segundo a nota, passou por inspeções nos dias 8 e 22 de janeiro deste ano, com registro no sistema de monitoramento da Vale. Também de acordo com a empresa, foi realizado o simulado externo de emergência em 16 de junho do ano passado, sob coordenação da Defesa Civil, com apoio da companhia. Já o treinamento interno dos funcionários foi em 23 de outubro.

A empresa Tüv Süd, também teve espaço na matéria, onde uma imagem de um trecho do laudo, com grifos, foi inserida. Em sequência é apresentada a versão da empresa certificadora,

justificando que a Vale desconsiderou “*um laudo com mais de 70 páginas*” onde constava uma série de recomendações à mineradora, afirmando inclusive que existia uma “*probabilidade de ruptura associada*” na barragem.

Observamos que a matéria jornalística apresenta a opinião dos diversos especialistas, assim como as declarações da Vale e da Empresa Tüv Süd sem comentar ou emitir opinião sobre as declarações. O que está alinhado ao contrato de informação midiática, que segundo (CHARAUDEAU, 1996, p. 92) possui como uma das suas finalidades “um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio da seriedade ao produzir efeitos de credibilidade”.

Ainda nesta perspectiva, outro fato que chama atenção é que a jornalista buscou como fontes especialistas considerados autoridades no assuntos científicos, no caso engenheiros, e que essas fontes ocupam visivelmente o maior espaço dentro do texto. Neste ponto retomamos TRAQUINA (2016) no que se refere ao fato dos jornalistas sempre buscarem o recurso das fontes institucionais, regulares e creditáveis, orientados pelas noções da “imparcialidade”, “equilíbrio” e “objetividade”, onde o autor destaca que um produto destas regras é a distinção cuidadosamente estruturada entre “fato” e “opinião”, onde:

Essas regras profissionais dão origem a prática de assegurar que as afirmações dos medias seja, onde quer que seja, fundamentadas em afirmações “objetivas” e “autorizadas” de fontes “dignas de crédito”, isso significa o recurso constante a representantes dignos de crédito de instituições” (...) onde umas das “fontes

acreditadas” seria “o “perito”: a sua atividade – a busca “desinteressada” do acontecimento – a sua posição ou representação – abona em favor da “objetividade e autoridade” (TRAQUINA, 2016, p. 315, 316).

Em consequência a esse processo, podemos perceber que a matéria aponta a Vale como culpada, tanto pela possibilidade dos indícios mais sutis e "subjetivos" já abordados anteriormente, com relação a escolha da expressão lexical “Movimento da Lama” no título da matéria, assim como pela escolha das “fontes acreditadas”. considerando que nenhum especialista consultado pela matéria defende as opiniões das empresas, por consequência, as declarações da Vale e da Tüv Süd têm menos espaço no texto, sendo apresentadas mais no sentido de “direito de resposta”. É necessário lembrar que os jornalistas buscam como fontes creditáveis autoridades que possam apresentar as suas opiniões ideológicas, sem comprometer o princípio da imparcialidade.

Por fim, observamos que a narrativa criada em contexto de desastre nesta notícia é baseada em conhecimentos técnicos e científicos na área da engenharia. O que demonstra que mesmo quando há uma posição de contraponto aos poderes hegemônicos, dificilmente questões mais estruturais serão colocadas em cheque. Como vimos, CHARAUDEAU (1996) explica que para as mídias é impossível conseguir transmitir a totalidade da realidade social, a imagem sempre é fragmentada e as explicações relativas, neste caso, percebemos uma limitação em não se questionar o contexto histórico do modelo minerador capitalista, colocando o desastre em um “lugar de caso isolado”, erro técnico, remetendo a casos

excepcionais, onde apenas pessoas físicas e jurídicas são responsabilizadas, e mais uma vez, descolando-os dos nexos sócio-históricos que possibilitam a ocorrência do desastre. Aqui retomamos ARÁOZ (2019) quando cita o “Princípio de Potosí” e a forte presença do estado enquanto viabilizador da mineração capitalista, assim como a questão das mentalidades, se referindo a colonialidade, enquanto:

Um conjunto de transformações mentais e subjetivas nas populações originárias e nos colonos que eternizou a mentalidade subalterna, dificultando ou mesmo impedindo que os Estados nacionais latino-americanos superassem as condições de pobreza implantadas desde a invasão e **buscassem na manutenção e até na intensificação da mineração** as tentativas de superar as suas condições de subdesenvolvimento. (ARÁOZ, 2019, p.85).

Neste caso, a mentalidade subalterna pode impedir a leitura histórica, impedir a observação do global sobre o local, através do paradigma do meio técnico científico nos territórios, como apontado por SANTOS (2000, 2002), que reduz os territórios a categoria de bases físicas, valorizando os espaços a partir de uma cultura extremamente tecnicistas, política e econômica, com lógicas de dominação. Neste processo percebemos que a Vale é questionada, a estrutura sobre a qual ela sobrevive não. Assim como não é questionado o papel privatizador do Estado dentro deste processo, a partir da acumulação por espoliação, onde retomamos:

A acumulação por espoliação tem a função de expropriação e depredação de espaços existentes, de desvalorização de nichos de mercado e patrimônios para criar oportunidades lucrativas capazes de absorver excedentes de capitais. Dentre os métodos de acumulação por espoliação estão a apropriação de recursos minerais e a tendência de privatização desses recursos,” nas quais o Estado possui papel central na imposição desses procedimentos mesmo contrariando a vontade da população local.” (HARVEY, 2004, p. 16).

Ou seja, o modelo minerador capitalista, condicionado aos ciclos produtivos do mercado internacional, que prioriza os resultados financeiros em detrimento da segurança, não é colocado em pauta.

5.1.4 N4 - Moradores de Brumadinho lutam para reconstruir a cidade tomada pela lama, Correio Braziliense, publicado em 19 de maio de 2019.

Matéria publicada pelo site Correio Braziliense em maio de 2019, cerca de 4 meses após o desastre, a análise do título “Moradores de Brumadinho lutam para reconstruir a cidade tomada pela lama” passa a ideia que a cidade está completamente tomada pela lama. A narrativa de destruição se estende ao subtítulo: “Pouco mais de 100 dias após o rompimento da barragem do Córrego do Feijão, que deixou centenas de mortos e muita destruição, o município mineiro luta contra as dificuldades para se reerguer. Turismo é visto como o caminho para a recuperação ``. (grifo nosso) Essa narrativa reforça a notabilidade da notícia TRAQUINA, (2016) onde, como já citamos, as notícias são produtos dentro de uma

lógica comercial capitalista CHARAUDEAU (1996).

Na sequência, o primeiro parágrafo do texto continua reforçando essa narrativa, como podemos observar no trecho a seguir:

O dia 25 de janeiro marcou para sempre a história do município de Brumadinho, em Minas Gerais. Após um estrondo, a barragem da Vale no Córrego do Feijão se rompeu, e a lama destruiu famílias, moradias e estabelecimentos comerciais. Foram 240 mortos identificados, e 32 pessoas seguem desaparecidas. O destino da região mudou tanto quanto a paisagem ; de serras e fartura de verde para o cenário de lama e destruição. (Grifo nosso)

Curiosamente o restante do conteúdo traz informações apostas ao que foi apresentado até então, como podemos perceber no trecho:

Para Eliane Castro, vice-presidente da Associação de Turismo de Brumadinho e Região (ATBR), potenciais turistas acreditam que a cidade está toda debaixo da lama e, por isso, deixaram de visitá-la. No entanto, apenas 5% do território de Brumadinho foi afetado fisicamente pelo rompimento da barragem, e 95% não sofreu nenhuma alteração. As pessoas buscam por Brumadinho na internet e só o que veem é lama, mas muita coisa não foi afetada.” (Grifo nosso).

A partir deste ponto a matéria traz uma importante crítica, através da voz

dos ¹⁵atingidos, mostrando que a forma como a imagem de Brumadinho passou a ser veiculada na internet após o rompimento, estaria afetando negativamente as atividades turísticas do município, assim como o comércio, os restaurantes e demais atividades ligadas ao turismo, apontado no texto como a segunda maior atividade econômica do município, ficando atrás da mineração. A atingida Eliane Castro, continua:

As pousadas estão abertas; os restaurantes, funcionando e os acessos à cidade livres. Destaca. Então, a gente precisa que as pessoas voltem a visitar. À medida que a cidade volta a funcionar com alguma normalidade, conseguimos superar mais rapidamente.

A matéria também ouviu o Senhor Cristóvão Lana, apresentado como um senhor de 62 anos, que trabalha há mais de duas décadas com o filho numa cooperativa de transporte para turistas, que desde o rompimento da barragem, precisou vender dois carros. Trazendo sua fala no seguinte trecho:

Se (a mineração) tivesse mais segurança, não teria acontecido tudo o que aconteceu. Mas eu sou otimista, acho que não tem como piorar mais, diz. Eu tenho fé de que agora as coisas vão melhorar. As pessoas precisam voltar a frequentar Brumadinho para que a gente consiga se restabelecer.

No final do texto é apresentada uma nova seção, com o título “Vasto território”, nesta, características geográficas da cidade são pontuadas, visando destacar sua grande dimensão territorial e mais uma vez enfatizar que apenas uma pequena parte do município foi atingida pela lama, repetindo que “Brumadinho tem aparência praticamente normal”.

Ou seja, no decorrer da leitura percebemos narrativas contraditórias dentro da mesma notícia, percebemos que a singularidade do desastre, que remete ao fato inesperado, continua determinando o que Traquina (2016) chama de valor-notícia primário ou fundamental, onde acontecimentos posteriores podem ser personalizados para evidenciar tais características, logo, mesmo quando estamos lendo os discursos mais “otimistas” que procuram enfatizar que Brumadinho está apta a receber turista, a sensação que se passa é de tristeza, pois pela forma como a notícia foi contextualizada, o que fica é o drama das pessoas que “indiretamente” foram atingidas pelo desastre. Tal sentimento pode ser sintetizado na fala do senhor Senhor Cristóvão Lana, quando diz: “Mas eu sou otimista, acho que não tem como piorar mais”

Enfim, apesar de apresentar uma crítica às narrativas de destruição e lama que prejudicam o turismo e demais atividades comerciais em Brumadinho, a matéria acaba reproduzindo essas mesmas narrativas.

¹⁵Segundo a MAB - Movimento de Atingidos por Barragens: Entende-se que o conceito de atingido, aplicável a indivíduos, famílias, grupos sociais e populações de modo geral” atingidas direta ou indiretamente por situações como a implantação, alterações e rompimento de

barragens. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/docu mentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_s ervicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLiv ros/TodosOsLivros/O-lucro-nao-vale-a- vida.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

5.1.5 N5 - Famílias fazem protesto nos dois anos do desastre em Brumadinho pelas 272 vidas interrompidas, Folha de São Paulo, publicada em 25 de janeiro de 2021.

Notícia publicada exatamente dois anos após o desastre, quando o acontecimento voltou a ser notícia, no título chama atenção a palavra “desastre” associada a Brumadinho, além do número exato das “vidas interrompidas” remetendo a ideia de morte. O fato novo da notícia parece ser o protesto pelas 272 vidas interrompidas, realizado pelas famílias, dando a entender que esse também é o tema principal da matéria. Porém, ao observarmos o conteúdo percebemos que a maior parte do texto se refere a realização de eventos em homenagem às vítimas da tragédia.

A primeira parte do texto traz depoimentos dos familiares lembrando as suas vítimas, citando homenagens como exibição de faixas, criação de institutos com fins filantrópicos e plantio de árvores pelas vidas perdidas. A categoria “Morte” aparece cinco (5) vezes no texto e o protesto citado no título tem pouco espaço no corpo da reportagem. Em nenhum momento é apresentado um balanço geral do processo de luta dos atingidos e familiares das vítimas em busca por reparação e justiça, ou seja, não fica evidente o motivo que levaram as famílias ao protesto. Dos 13 parágrafos do texto, apenas um se refere aos protestos, sendo o trecho copiado na íntegra, a seguir:

Na manhã desta segunda-feira (25), atingidos interromperam o trânsito na MG-155, em Betim, em protesto por reparações por parte da Vale. Em São Joaquim de Bicas, vias de acesso de caminhões da Vale foram fechadas em protestos contra a

falta d'água e reivindicando acesso à saúde, segundo informações do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens).

Quais são as “reparações” por parte da Vale que os atingidos reivindicam? Qual era a situação da falta d'água e falta de acesso à saúde em Brumadinho após o desastre? O texto não explica.

Neste ponto, retornamos à FAIRCLOUGH (2001) quando afirma que existe uma relação entre a prática textual, a prática discursiva e a prática social, estando todo este processo inserido dentro de uma lógica que nas sociedades globalizadas servem de suporte às estruturas de dominação e são por elas, moldadas. Essas estruturas são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, orientando as ações sociais de forma bastante eficaz e naturalizadora. O autor destaca que as orientações ideológicas dos grupos hegemônicos cumprem o seu papel quando atingem o *status* de senso comum. Segundo Fairclough:

Os 'aparelhos ideológicos de estado' (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente. (2011, p. 117).

Destacamos que, principalmente, enquanto não houver reparação aos atingidos, é muito importante o papel da mídia, em sempre lembrar e relembrar o que aconteceu, porém a matéria prioriza em escala maior, os aspectos mais pessoais das perdas familiares, em detrimento as questões que dizem respeito a luta dos atingidos por reparação. Claro que ambas narrativas merecem respeito, atenção e podem ter

igual espaço, até porque são indissociáveis.

Porém essa discrepância, ao dificultar a compreensão dos leitores quanto aos motivos dos protestos, colabora com o enfraquecimento destas lutas, servindo de suporte às estruturas de dominação capitalista. Aqui, mais uma vez citamos FAIRCLOUGH (2001) quando afirma que o discurso não apenas reflete realidades, ele também participa das suas construções:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhes são subjacentes.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A próxima seção expõe as nossas considerações finais de acordo com a discussão dos dados coletados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa evidenciada com o auxílio da Análise de Conteúdo das notícias publicadas pela mídia hegemônica sobre Brumadinho que compõem o recorte desta pesquisa revela a narrativa de morte, destruição, sofrimento e tragédia desconsiderando as dimensões simbólicas, identitárias e culturais da população que foi atingida pelo rompimento.

Além de ser desconsiderada a contextualização dos impactos causados pela própria atividade minerária no município e não somente pelo rompimento. Ainda que seja evidenciando que os interesses da empresa Vale S.A. é o lucro acima da vida, ou seja, a empresa se atenta muito mais aos retornos financeiros de investidores do que na garantia de

segurança de barragens e/ou de reparação dos danos causados pelos impactos do rompimento na vida dos atingidos e atingidas. Outra questão a ser colocada é que mesmo com a tentativa de noticiar outras faces da cidade, para além do rompimento, a imagem de que a cidade foi destruída pela lama sempre é reforçada nas notícias analisadas. E por fim, a mídia ao tratar do luto dos familiares de vítimas fatais não é evidenciado o processo de luta dos atingidos e atingidas e busca por reparação e justiça, assim como, também não evidenciado o motivo da luta. Assim, ao dificultar a compreensão dos leitores quanto aos motivos dos protestos, a mídia hegemônica colabora com o enfraquecimento destas lutas, servindo de suporte às estruturas de dominação capitalista.

Por fim, a análise do *corpus* revelou que as narrativas construídas pela mídia hegemônica em situações de desastre neste período evidenciam a imagem de morte, destruição e sofrimento sobre a cidade de Brumadinho, assim como contribuem com o processo de naturalização da tragédia enquanto fenômeno imprevisível, dificultando a compreensão do desastre-crime sociotecnológico da Vale, enquanto resultante de um processo histórico do modelo minerador capitalista. Pode-se perceber que na mídia hegemônica os processos ideológicos são atrelados ao processo de dominação do capitalismo.

Esta pesquisa não se encerra aqui, fazendo-se necessário o aprofundamento e ampliação dos debates relacionados ao papel da mídia em situações de conflitos e desastres ambientais.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Eduardo Carlos. Três anos após tragédia da Vale, famílias ainda vivem angústia à espera de localização de 6 vítimas: 'A lama não é o lugar deles'. **G1**. 25 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/01/25/tres-anos-apos-tragedia-da-vale-familias-ainda-vivem-angustia-a-espera-de-localizacao-de-6-vitimas-a-lama-nao-e-o-lugar-deles.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

ANAIS da catástrofe: o movimento da lama. **Uol Folha de São Paulo**. 02 fev. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-movimento-da-lama/>. Acesso em: 15 out. 2022.

ARÁOZ, Horacio Machado. **Mineração, genealogia do desastre**: O extrativismo na América como origem da modernidade. Editora Elefante, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUMADINHO: Imagens mostram rompimento da barragem e extensão da lama. **Uol**, São Paulo. 01 fev. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/01/video-barragem-brumadinho-rompendo.htm>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRUMADINHO: mortos chegam a 99; desaparecidos são 259. **Estadão**. 30 jan. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/ao-vivo/rompimento-barragem-brumadinho>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRUMADINHO: O que se sabe sobre o rompimento de barragem que matou ao menos 115 pessoas em MG. **BBC News Brasil**. 25 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47002609>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRUMADINHO, 3 anos: Quem são as 6 vítimas ainda desaparecidas da tragédia. **Uol São Paulo**. São Paulo. 25 jan. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/01/25/tragedia-de-brumadinho-completa-3-anos-com-6-desaparecidos-saiba-quem-sao.htm>. Acesso em: 15 out. 2022.

CARVALHO, Gil de. Vídeo mostra o momento exato em que barragem da Vale se rompe em Brumadinho: TV Globo teve acesso a imagens de câmera que flagra estouro do reservatório e onda de rejeitos destruindo a mina. Tragédia foi provocada pelo rompimento de barragem no dia 25 em MG. **G1**, Belo Horizonte, 01 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/01/video-mostra-o-momento-exato-em-que-barragem-da-vale-rompe-em-brumadinho.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso da mídia: Para uma nova análise de Discurso. In: CARNEIRO, Dias. (org). **O Discurso da Mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

FAMÍLIAS fazem protesto nos dois anos do desastre em Brumadinho pelas 272 vidas interrompidas. **Folha de São Paulo**. 25 jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-mortos-chega-a-121-em-desastre-de-brumadinho,70002705035>. Acesso em: 15 out. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman - **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FUTEMA, Fabiana. Medo de ser atingido por lama marca saída de visitantes de Inhotim: Engenheiro chegou ao museu de Inhotim pouco depois das 12h e foi surpreendido pela notícia de que era necessário abandonar o local rapidamente. **Veja**, Brasil, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/medo-de-ser-atingido-por-lama-marca-saida-de-visitantes-de-inhotim/>. Acesso em: 15 out. 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 2021. CLACSO, Ciudad de Buenos Aires. (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

NETO, João Mendes da Rocha - Os "sem rio": populações desterritorializadas pelo desastre ambiental de Mariana. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2020.
OLIVEIRA, Gabrielly. Colonialidade, apropriação da natureza e mineração na América Latina. In: *SEMINÁRIO DISCENTE DA CIÊNCIA POLÍTICA DA UFPR*, 2., 2021, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR, 2021. p. 441-462.

NÚMERO de mortos chega a 121 em desastre de Brumadinho. **Estadão**. 02 fev. 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-mortos-chega-a-121-em-desastre-de-brumadinho,70002705035>. Acesso em: 15 out. 2022.

PEREIRA, Vicente Pereira; FACHINI, Mirlei. Território e Política: práxis invertidas e desafios da existência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 95-104, Abr. 2011. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

PONTES, Nádia. Dois anos após tragédia, Brumadinho ainda busca vítimas. **Made For Minds**. Brasil, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dois-anos-ap%C3%B3s-trag%C3%A9dia-brumadinho-ainda-busca-v%C3%ADtimas/a-56332603>. Acesso em: 15 out. 2022.

PORTELLA, Sergio. O desastre e a percepção da percepção social do risco: Mariana, pororoca de lama!. **ClimaCom.**, Campinas, v. 4, n. 9, Ago. 2017. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288>. Acesso em: 7 jan. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. 2000.

RIBEIRO, Luiz; VALE, João Henrique do. Lama que vazou de barragem em Brumadinho atingiu área de influência do Parque do Rola-Moça. **Estado de Minas Gerais**. 01 fev. 2019. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/02/01/interna_gerais,1026998/lama-barragem-brumadinho-atingiu-area-parque-do-rola-moca.shtml. Acesso em: 15 out. 2022.

RONAN, Gabriel. Profundidade de rejeitos em Brumadinho pode chegar a até 15 metros. **Estado de Minas Gerais**. 27 jan. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/27/interna_gerais,1025145/profundidade-de-rejeitos-em-brumadinho-pode-chegar-a-ate-15-metros.shtml. Acesso em: 15 out. 2022

ROSCOE, Beatriz. Moradores de Brumadinho lutam para reconstruir a cidade tomada pela lama. Correio **Braziliense**. 19 maio 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/05/19/interna-brasil,755791/moradores-de-brumadinho-lutam-para-reconstruir-a-cidade.shtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

SANDIN, Caio. Brumadinho, atingida por mar de lama, é conhecida pelo Inhotim: Cidade tem 36 mil habitantes que trabalham predominantemente na área da mineração ou pecuária e sofreu processo de urbanização nos últimos anos. **R7**, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/brumadinho-atingida-por-mar-de-lama-e-conhecida-pelo-inhotim-29062022>. Acesso em: 15 out. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica, tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SOUZA, Tatiana Ribeiro de. Impactos da Mineração na Dimensão Socioespacial. *In*: ENANPUR, 7., 2017, São Paulo. **Anais**. São Paulo. 2017. Disponível em <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/2409>. Acesso em: 13 jan. 2023.

TRAGÉDIA em Brumadinho: o caminho da lama. **G1**, 27 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/27/tragedia-em-brumadinho-o-caminho-da-lama.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

TROCATÉ, C; ALVES, M. S. Análise de Conjuntura política, econômica e social da mineração no Brasil e os enfrentamentos necessários. *In*: ALVES, M. S. Et. al. (org.) **Mineração : realidades e resistências**. São Paulo : Expressão Popular, 2020.

WALTER, Carlos. **A Globalização da Natureza e a Natureza na Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.